

Doi: 10.17058/rzm.v13i2.19807

A PROPAGANDA DO “KIT COVID” E DO “TRATAMENTO PRECOCE”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO (DES)INFORMATIVO

LA PROPAGANDA DEL “KIT COVID” Y EL “TRATAMIENTO
TEMPRANO”: UN ANÁLISIS DEL DISCURSO
(DES)INFORMATIVO

THE PUBLIITY OF TH “COVID KIT” AND THE “EARLY
TREATMENT”: AN ANALYSIS OF THE (DIS)INFORMATIVE
SPEECH



Ronaldo Adriano de Freitas¹

Emanuely de Araujo Manhães Guimarães²

Yasmim Ferreira do Amaral³

Resumo: Com o advento da pandemia global de Covid-19 no início de 2020 e seu agravamento no Brasil até meados de 2021, cientistas trabalharam incessantemente para encontrar um tratamento eficaz. Concomitantemente a esses esforços, surgiram também, sendo divulgadas majoritariamente em redes sociais, notícias que exaltavam tratamentos alternativos para o novo coronavírus, tendo sido estes incentivados politicamente. Este trabalho busca investigar o funcionamento e analisar o impacto desses discursos em defesa de um kit de medicamentos que se tornou o suposto "tratamento precoce" – e, tecnicamente, sem eficácia comprovada – para a doença realizados no ano de 2020, questionando como a defesa

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro - Brasil.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro - Brasil.

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro - Brasil.

do "kit covid" e do "tratamento precoce", disseminados em perfis oficiais do Governo Federal no Twitter, funcionaram e impactaram as medidas de combate à pandemia de Covid-19. Para tanto, foi construído um corpus com informações pertinentes a esse debate encontradas em perfis oficiais do Governo Federal da rede social *Twitter*, analisadas sob o viés da Análise do Discurso de linha francesa com base em Pêcheux e Orlandi. Parte-se da hipótese de que esse estudo pode contribuir para a compreensão das estruturas e dinâmicas de propagação desses discursos políticos, identificando suas influências nas medidas de combate à pandemia.

Palavras-chave: “Kit covid”; Pandemia; Desinformação; Análise do Discurso.

Resumen: Con el advenimiento de la pandemia global de COVID-19 a principios de 2020 y su agravamiento en Brasil hasta mediados de 2021, los científicos trabajaron incansablemente para encontrar un tratamiento eficaz. Concomitantemente con estos esfuerzos, también surgieron, divulgadas principalmente en redes sociales, noticias que exaltaban tratamientos alternativos para el nuevo coronavirus, los cuales fueron incentivados políticamente. Este trabajo busca investigar el funcionamiento y analizar el impacto de estos discursos en defensa de un conjunto de medicamentos que se convirtió en el supuesto "tratamiento precoz" – y, técnicamente, sin eficacia comprobada – para la enfermedad. Para ello, se construyó un corpus con información - infundada - pertinente a este debate encontrada en perfiles oficiales del Gobierno Federal en la red social Twitter, analizada bajo el enfoque del Análisis del Discurso de la línea francesa basado en Pêcheux y Orlandi. El estudio contribuye, de esta manera, a la comprensión de las estructuras y dinámicas de propagación de estos discursos políticos, identificando sus influencias en las medidas de combate a la pandemia.

Palabras clave: “Kit Covid”; Pandemia; Desinformación; Análisis del Discurso.

Abstract: With the advent of the global pandemic of Covid-19 in early 2020 and its constant worsening in Brazil until mid-2021, scientists worked tirelessly to find an effective treatment. Concurrently with these efforts, news that extolled alternative treatments for the new coronavirus also emerged and were politically encouraged, mostly on social networks. This work seeks to investigate the functioning and analyze the impact of these discourses in defense of a supposed "early treatment" – technically without proven efficacy – for the disease given in 2020, asking how the defense of the "covid kit" and "early treatment", disseminated on official Federal Government profiles on Twitter, worked and impacted

measures to combat the Covid-19 pandemic. For that, a corpus was built with information that are pertinent to this debate found in official profiles of the Federal Government on Twitter, a social network, analyzed under the bias of French Speech Analysis, based on Pêcheux and Orlandi. It starts from the hypothesis that this study can contribute to the understanding of the structures and dynamics of these political discourses propagation, identifying their influences on measures to combat the pandemic.

Key-words: “Covid kit”; Pandemic; Misinformation; Speech Analysis.

Introdução

Entende-se por “kit covid” ou “tratamento precoce” um coquetel de medicamentos composto por hidroxicloroquina, ivermectina e azitromicina, entre outros, que ganhou destaque no cenário de pandemia global do novo coronavírus como alternativa terapêutica e preventiva da doença. Contudo, sua fama de eficácia, assim como a expansão exacerbada de teorias conspiratórias acerca do surgimento do vírus e das medidas sanitárias estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) para combate ao contágio da doença infecciosa pelo coronavírus (SARS-CoV-2) - Covid-19 - (Ibidem), logo foi contestada cientificamente.

Isso não impediu o constante crescimento do alcance dessas (des)informações acerca da Covid-19 que carregam consigo a suposta solução farmacêutica para a doença. Como consequência, ao passo que a *infodemia* - excesso de quantidade em detrimento da qualidade de notícias disseminadas em relação à pandemia, vindas de fontes que deveriam ou não ser confiáveis - se propaga, também se nota o aumento incontrolável dos números de infecções e mortes causadas pelo coronavírus.

Diante deste cenário, observa-se como discursos circulam de forma incisiva para o comportamento humano e social perante o cenário epidemiológico, podendo a infodemia que alastra as (des)informações sobre os medicamentos comprovadamente inadequados para o tratamento da Covid-19 apresentar-se como fator de impacto médico e vital para muitas vítimas da doença. Dessa forma, conceituam-se na próxima seção: falsas informações, infodemia e desinformação para fins de análise do objeto discursivo com base científica.

O presente artigo busca investigar, através da análise de um conjunto de tweets que circularam na página do então presidente da república e do ministério da saúde em defesa do conjunto de remédios durante o ano de 2020, os discursos mobilizados nas mídias sociais que afetaram o curso da pandemia. Partindo do pressuposto de que informações acerca da contribuição dos remédios no tratamento ou até mesmo prevenção da doença em questão são falsas, visto que a própria Organização Mundial da saúde, embasada em inúmeros estudos científicos, aponta sua inutilidade no combate ao vírus, utilizaremos os estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, como fundamentação teórica para construir uma análise desses discursos e suas performances em meio ao contexto pandêmico.

Esta pesquisa qualitativa compreende a hipótese de que a circulação de informações falsas em torno das medidas sanitárias, do tratamento e da prevenção contra a Covid-19

demonstra ter um poder comportamental na população, o que pode gerar maior contágio da doença, maior gravidade nas infecções não tratadas corretamente e, por conseguinte, mais vítimas fatais. Para tanto, o trabalho identifica como e quando surgiram as discussões sobre os medicamentos que vieram a compor esse “tratamento alternativo”, usando como corpus discursos circulados na rede social Twitter que propagam o “kit covid” e o “tratamento precoce” por canais oficiais do Governo Federal e, com base em teorias da Análise do Discurso, visa compreender a natureza e o funcionamento desses discursos, além de suas influências nas medidas de combate à pandemia.

O discurso através da infodemia: “kit covid”

Mediante à explosão da epidemia viral do novo coronavírus, emergiu, junto aos crescentes números de casos e vítimas fatais, além do desconhecimento da medicina para lidar com a nova doença, a infodemia; ambas alertadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em fevereiro de 2020 (FLOSS et al., 2021, p. 3). Estabelecer medidas para filtrar as informações - ou desinformações - disseminadas em massa tornou-se necessário, porém, um ideal distante da realidade de como foi conduzida a comunicação relacionada à pandemia no Brasil durante seu início e pico. Segundo Monteiro, Deodato e Rodrigues (2020, p. 83), isso “torna as informações falsas um grande desafio para a sociedade. Quando se trata de conteúdos inverídicos relacionados à saúde, o problema pode ser ainda mais perigoso, por representar uma ameaça à vida”.

Descrita por Lafayette B. Melo (2021, p. 41) como “uma quantidade tão grande de informações” acerca da pandemia “que faz com que não se tenha discernimento sobre o que é falso ou o que é fato”, a infodemia - termo utilizado pela Organização Mundial da Saúde⁴ - consiste na *pandemia informacional* (MADACKI, 2021, p. 2) que desencadeou uma onda de desinformação sobre a nova doença, seus perigos e os cuidados que deveriam ou não ser tomados em relação a ela. Perpassando pelo conceito de notícias falsas, seu teor político e alto potencial de influência na sociedade, Santaella explicita:

Notícias falsas costumam ser definidas como notícias, histórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das

⁴ BBC News Brasil. Coronavírus: como evitar a desinformação em meio à infodemia sobre Covid-19. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52413570>. Acesso em: 04 mai. 2022.

peessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos. (SANTAELLA, 2018, p. 23)

Isto posto, evidencia-se que não há neutralidade nesses discursos “para garantir a suposta facticidade da mensagem” (OLIVEIRA, 2021, p. 3). Entende-se aqui, por facticidade, a capacidade de condensar um acontecimento em uma transcrição textual, de múltiplas linguagens (OLIVEIRA, 2021, p. 3). Ao estudar os processos de produção, circulação e consumo de uma notícia falsa é possível perceber que, apesar de ser um fenômeno antigo, a era da internet e das mídias sociais potencializa o seu alcance ao assumir diversos formatos linguístico-textuais, como gêneros jornalísticos ou digitais, (BARROS, 2021, p. 12) como é o caso dos *tweets*, objeto de análise do presente estudo. Dessa maneira, destaca-se que “não é na forma das fake news que se encontram as marcas principais de seu funcionamento, mas nos processos de significação, nas ressonâncias e dissonâncias, nos efeitos de sentido, nos deslizamentos” (INDURSKY, 2019, p. 26 apud BARROS, 2021, p. 11).

Tendo como base essa premissa, discernir o que é fato ou *fake* torna-se, portanto, urgente no que diz respeito à pandemia, a fim de evitar e combater “rumores, desinformação e manipulação intencional” (MELO, 2021, p. 41), que podem representar um potencial perigo sanitário. Nesse parâmetro, surgem diversos estudos e agências de checagem de fatos como as apresentadas por Lafayette B. Melo (2021) no enfrentamento da infodemia e a consequente busca de estabelecer o que é verídico e o que não é dentro dela. “Nesse cenário, os meios discursivos utilizados devem prezar pela *autenticidade, verossimilhança e explicação* dos fatos” (CHARAUDEAU, 2009, apud MONTEIRO; DEODATO; RODRIGUES, 2020, p. 102).

Nesse sentido, é necessário trabalhar com dois conceitos inerentes às falsas informações: o *misinformation*, que se constitui, de certo modo, de uma ignorância acerca de sua incongruência com a realidade: não há consciência no engano propagado pelos interlocutores - entendem-se aqui como informações mal dadas, incorretas⁵; o outro conceito é o que se entende por desinformação (*disinformation*), caracterizado pela intencionalidade de criar e difundir inverdades como estratégia discursiva de manipulação dentro de uma determinada circunstância social (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

Quando em um contexto de crise sanitária surgem notícias que contrariam as medidas de biossegurança, ocasionando perigo ao controle do vírus e conseqüentemente à saúde da população, temos, portanto, uma desinformação disseminada (SIQUEIRA; MONTEIRO,

⁵ É importante salientar que, discursivamente, entendemos este conceito como uma filiação de sentido de certa ideia; o sujeito adere às notícias, falsas ou não, que tendem a favorecer sua perspectiva ideológica.

2020 apud FLOSS et. al, 2021, p. 4). Determinar desinformação como inverdade requer, neste caso, assumir como a racionalidade e a objetividade da ciência encaminham-se para a verdade, apesar de não estar neutra ou isenta de processos sociohistóricos (SANTAELLA, 2018): uma “tomada de posição materialista” que possibilite também a “idealista”, conforme Pêcheux (1995, p. 194).

Acerca da Análise do Discurso, Orlandi (2009, p. 15-16) infere que “não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo”, o que sugere estudar seu movimento, sua aplicabilidade no meio de interlocutores que são sujeitos sociais. Nessa perspectiva, “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 17).

Partindo desse pressuposto, esse processo interacional não linear de significação constitui nossa matéria de estudo com aplicação teórico-metodológica, na qual analisaremos o discurso levantado em favor dos medicamentos que compõem o “kit covid”, além de sua trajetória e efeitos, “criando uma falsa sensação de segurança, configurando o que denominamos como um uso político da medicação realizado pelo governo brasileiro” (CAPONI et. al., 2021, p. 79).

Essa viralização do tratamento alternativo impulsionou grandemente a produção, circulação e venda dos medicamentos em questão e ainda “a automedicação, a resistência bacteriana e as reações adversas” (MELO et. al, 2021, p. 2), apesar de não ser recomendado por entidades como a (OMS), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) em vista de estudos científicos que comprovam a sua ineficácia contra a Covid-19 (BIERNATH, 2021).

Cronologia do “kit covid”

Entre o incansável trabalho científico em busca de descobertas favoráveis à medicina no tratamento do novo coronavírus, iniciou-se um pequeno estudo na China que investigava a eficácia da hidroxicloroquina na redução de sintomas, divulgado em março de 2020 (BIERNATH, 2021, p. 1), mês em que a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou a pandemia. Prontamente, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e, logo em seguida, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro iniciaram a disseminação do resultado em pronta defesa e incentivo do uso do medicamento no tratamento da nova doença. “Apesar da

esperança inicial, os cientistas rapidamente começaram a notar que havia algo muito estranho nessa história” (BIERNATH, 2021, p. 1).

Após diversos estudos comprovarem sua ineficiência no tratamento e, muito menos na prevenção da Covid-19, o diretor do Institut Hospitalo-Universitaire en Maladies Infectieuses de Marseille (IHU Méditerranée Infection) e um dos autores de um desses estudos, Didier Raoult responsável pela pesquisa foi indiciado pela Sociedade de Patologia Infecçiosa de Língua Francesa por "promoção indevida de medicamento" (BIERNATH, 2021). Contudo, os discursos em prol da sua utilização continuaram se multiplicando nas redes sociais, em portais oficiais do governo federal e até mesmo em manifestos realizados por grupos de médicos de vários locais do país.

Já no segundo semestre de 2021, foram apontados outros nomes fármacos como capazes de destruir o vírus, como a ivermectina, a azitromicina e a nitazoxanida, em trabalhos que logo foram desmentidos pela medicina, mas foram incorporados à divulgação do que se tornou o “kit covid” ou “tratamento precoce”, tendo o aval da defesa e da divulgação do então ministro da saúde Eduardo Pazuello⁶.

Durante o agravamento da pandemia, do período final de 2020 ao seu pico no início de 2021, postagens que exaltam esses “tratamentos alternativos” para o novo coronavírus circularam com força nas redes sociais,

quando o “tratamento precoce” e o “kit-covid” foram divulgados e o seu uso incentivado amplamente nas mídias sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) por profissionais médicos, autoridades públicas e nas páginas oficiais de Internet de Secretarias de Saúde, Ministério da Saúde e Governo Federal do Brasil. (MELO et. al., 2021, p. 2)

A infodemia alcança, então, proporções incontroláveis, quando métodos cientificamente ineficazes se espalham a partir da desinformação e das fake news, atribuindo aos medicamentos em questão a responsabilidade de resolução do problema do vírus, numa busca governamental de evitar medidas de biossegurança como o *lockdown*. Isso é notável em vista, por exemplo, da demissão do ministro da saúde atuante no início da pandemia, Luiz

⁶ BRASIL. Pazuello defende tratamento precoce de casos de Covid-19. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/pazuello-defende-tratamento-precoce-de-casos-de-Covid-19>. Acesso em: 07 nov. 2021.

Henrique Mandetta⁷, por motivos de divergência com o presidente quanto ao uso da cloroquina e às outras medidas sanitárias como o isolamento social, atacado por Jair Bolsonaro.

Por conseguinte, a produção, a venda e até a distribuição das medicações hidroxicloroquina e cloroquina, seguidas das mais recentes ivermectina, azitromicina e nitazoxanida, despontam como meio, difundido entre a população, de evitar ou tratar a doença, gerando um relaxamento dos protocolos e consequente agravamento da disseminação, da infecção e das mortes por Covid-19 (CAPONI et. al., 2021). Emerge, então, a seguinte questão: o que há por trás desses discursos em massa que os fazem sustentar um tratamento inadequado conforme a ciência?

Tweets governamentais sobre o “kit covid”: uma análise do discurso

Tweet é o nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social Twitter. Para Recuero, Bastos e Zago (2015, p. 23), redes sociais são definidas como

metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais. Elas são constituídas pelas relações entre os indivíduos e vão servir como estrutura fundamental para a sociedade. São, assim, uma forma de olhar os grupos sociais, onde se percebem as relações e os laços sociais como conexões e os indivíduos como atores que estão unidos por essas conexões, formando o tecido social.

Assim, são criadas, nesse ambiente digital, estruturas sociais baseadas nas relações entre os seus usuários e, portanto, prova-se a importância desse ambiente para o contexto atual de vida em sociedade uma vez que essas relações muitas vezes se estendem para um ambiente off-line.

Hoje, mais do que conectar, as redes sociais ditam o comportamento da sociedade e moldam as inúmeras formas de comportamento diante dos fatos sociais. O que significa dizer que elas formam mais que um meio de comunicar, senão que também representam a determinação de um espaço próprio em que cada indivíduo se manifesta dentro de suas próprias convicções (ANACLETO; PRUDENCIO, 2018, p. 79).

⁷ SHALDERS, André. Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro: relembre os principais choques. BBC News Brasil [Internet], 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728>. Acesso em: 07 nov. 2021.

Por serem grátis e de fácil acesso, são utilizadas por muitas pessoas e, portanto, o que é dito ali consegue ser alcançado por diversas pessoas de diferentes classes e contextos sociais. É através destes veículos de informação que se busca investigar estratégias linguísticas e os motores de propagação de (des)informações acerca do “tratamento precoce”. Segundo D’Ancona,

Nós nos tornamos tão seguros em nossas bolhas que começamos a aceitar apenas informações, verdadeiras ou não, que correspondem às nossas opiniões, em vez de basearmos nossas opiniões nas evidências que estão por aí. Apesar de suas maravilhas, a web tende a amplificar o estridente e dispensar a complexidade. Para muitos – talvez a maioria – estimula o viés de confirmação, e não a busca pela divulgação acurada. (D’ANCONA, 2018, p. 52)

Considerando que esses discursos influenciam a tomada de decisões, é possível perceber o peso das consequências que podem surgir a partir de uma desinformação. Conforme Monteiro, Deodato e Rodrigues (2020, p. 109), o aval discursivo dos maiores representantes políticos do país na defesa da medicação expande a sua dimensão de alcance, e ainda salienta que “a iniciativa do público para identificar conteúdos falsos é fundamental para combater o problema, assim como o acesso a fontes de notícias confiáveis” (Ibidem, 2020, p. 109).

Levando tais questões em consideração, o enfoque dessa pesquisa será dado às propagandas disseminadas no período do ano de 2020 em defesa do “tratamento precoce” na rede social *Twitter* pelos perfis oficiais presidencial e do Ministério da Saúde, pois esta “encontra-se em primeiro lugar dentre as redes que são usadas com fins governamentais (BURSON COHN & WOLFE, 2018 apud LOHSE, 2019, p. 51) e defendidas pelo próprio Jair Bolsonaro como meio de comunicação direta com a população: “As novas tecnologias permitiram uma relação direta entre o eleitor e seus representantes. Nesse novo ambiente, a crença na liberdade é a melhor garantia de respeito aos altos ideais que balizam nossa Constituição⁸”.

Formado, então, por uma “tweetocracia”, ou seja, um “governo em que o principal canal de comunicação com os cidadãos e, muitas vezes com o próprio governo, é as mídias sociais e, especialmente, o Twitter” (ALMEIDA et. al, 2019, p. 2), o governo Bolsonaro caracterizou-se pela utilização de discursos nas redes sociais que, supostamente, conferem ao

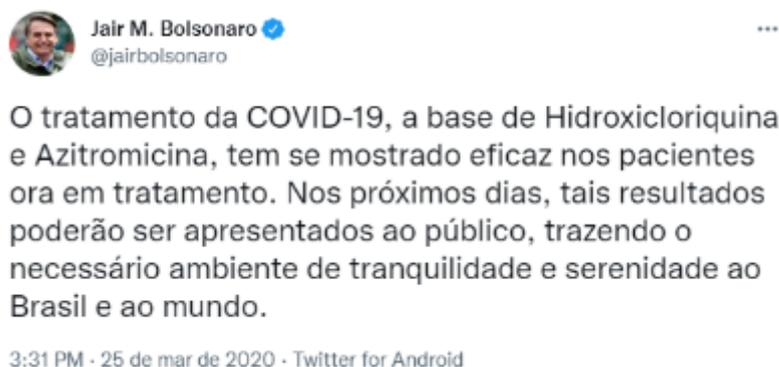
⁸<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/12/10/poder-popular-nao-precisa-mais-de-intermediacao-diz-bolsonaro-no-discurso-da-diplomacao.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2022.

público a praticidade de informar-se diretamente com sua presidência que, pela posição discursiva ocupada, estabelece uma expectativa social de transmitir dados confiáveis.

Contudo, o governante e seus aliados divulgam notícias de procedência duvidosa, conforme comprova a Agência de Checagem *Aos Fatos*⁹, de forma a manipular a população. Fica evidente que a desinformação quando é disseminada pelo governo é ainda mais perigosa. Tai Nalon, diretora executiva da agência, afirma que “(...) políticos usam informações falsas que geram engajamento nas redes para sustentar projetos de lei e decretos, como se, ao conferir caráter oficial à mentira, ela se tornasse automaticamente verdade”¹⁰.

Para tanto, serão apresentados a seguir uma sequência de tweets, inicialmente, do perfil oficial do presidente da República e, em seguida, do perfil oficial do Ministério da Saúde no período do ano de 2020, que caracterizam os conceitos aqui trabalhados. Uma das ondas de desinformação sobre Covid-19 mais fortes e duradouras surgiu em abril de 2020, com a defesa do uso de medicamentos sem eficácia comprovada contra a Covid-19, como cloroquina e hidroxicloroquina, mas a menção já era publicamente feita pelo presidente ao final de março:

Figura 1: Tweet 1



Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242881753162940419?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

Nesse período entre o final de março e o início de abril, os incentivos à medicação foram feitos pelo governante antes mesmo que houvesse qualquer resultado científico confiável definido, como havia relatado estar no aguardo, no tweet anterior. No dia seguinte, foi liberada pela sua gestão a taxaço da cloroquina e da azitromicina, mesmo dia em que a

⁹ <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 28 mai. 2022.

¹⁰ <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/distorcao-precoce-o-papel-de-bolsonaro-e-seus-aliados-na-difusao-de-desinformacao-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 28 mai. 2022.

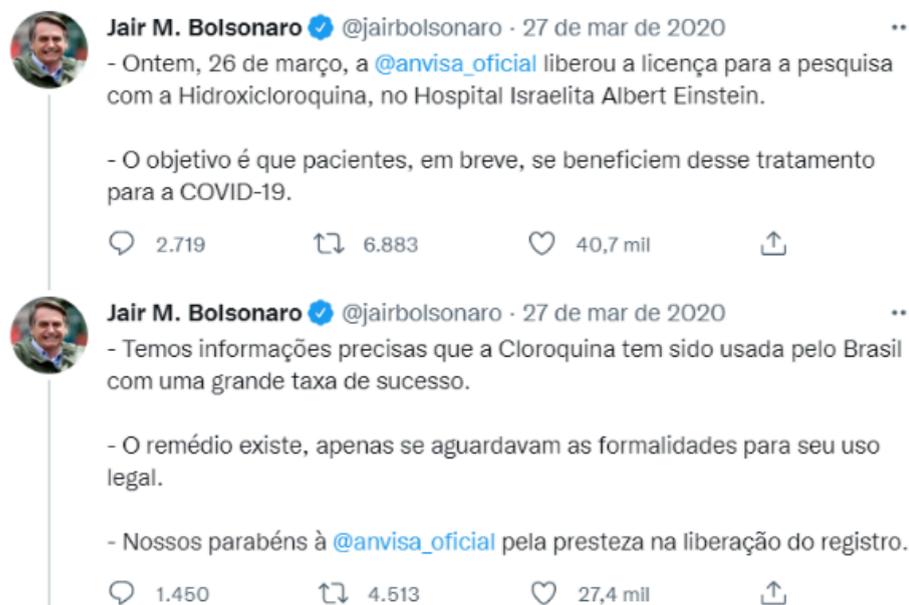
pesquisa com a hidroxicloroquina era liberada no Hospital Albert Einstein¹¹. Nesse sentido, ele entra em contradição com o argumento anterior que defendia a espera dos estudos acerca dos fármacos e demonstrando uma posição assumida no uso político dessa medicação: o descompromisso com a comprovação da ciência e uma urgência em atribuir um tratamento supostamente eficiente para esquivar-se - e o país consigo - das obrigatoriedades sanitárias que se instalavam mundialmente.

Figura 2: Tweet 2



Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link:
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1243169243589476353?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

Figura 3: Tweet 3



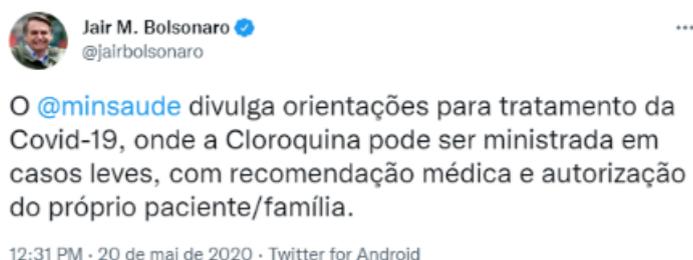
¹¹ BRONZE, Giovanna. Einstein orienta médicos a não tratarem pacientes de Covid-19 com cloroquina. CNN, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/einstein-orienta-medicos-a-nao-tratarem-pacientes-de-Covid-19-com-cloroquina/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link:
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1246432726460305414?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

Já no final de maio, o Ministério da Saúde oficialmente divulgou as orientações para o tratamento com o medicamento pioneiro do “kit covid”, sem ainda apresentar evidências científicas confiáveis para o seu uso.

Trabalhando a Análise do Discurso no percurso “língua-discurso-ideologia”, Orlandi define como elemento fundamental o estudo das condições de produção do objeto discursivo (2009, p. 17, 30). Partindo desse princípio, é necessário destacar que esse posicionamento oficial do órgão só foi consolidado após 2 trocas de seus ministros realizadas pelo presidente em um período de menos de 2 meses, representando as estruturas de poder por trás de seu discurso (FOUCAULT, 2012). Diante disso, "a pandemia é percebida na mídia social como um assunto político-partidário, mais do que como um assunto de saúde pública" (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2021, p. 13).

Figura 4: Tweet 4



Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link:
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263130208967766024?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

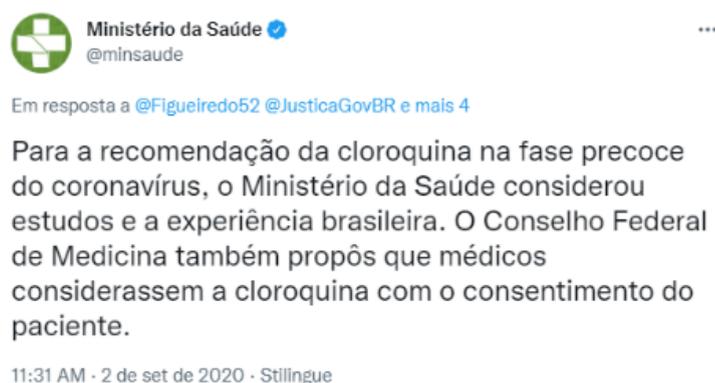
Figura 5: Tweet 5



Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link:
<https://twitter.com/minsaude/status/1266093155365117953?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

Ainda nos conceitos orlandianos, há que se destacar o do que não é dito e atravessa a construção de sentido do que é dito (ORLANDI, 2009, p. 82-83). Dessa forma, destacamos aqui o que não é dito e está correlacionado com os discursos apresentados nos tweets: os resultados das pesquisas que Bolsonaro fomentou, negativos à sua expectativa, como a não recomendação do uso da cloroquina para pacientes com Covid-19 no Hospital Albert Einstein, antes mencionado por ele como embasamento científico, em junho do mesmo ano; o que, porém, não alterou as decisões governamentais de incentivo aos remédios, como é possível verificar nos tweets do Ministério da Saúde a seguir, já do segundo semestre de 2020.

Figura 6: Tweet 6



Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link:
<https://twitter.com/minsaude/status/1301165791841267717?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

Figura 7: Tweet 7



Fonte: captura de tela de elaboração própria através do link:
<https://twitter.com/minsaude/status/1329160627244457987?s=20&t=ZJbhCZISQE731200evMjag>

O termo “tratamento” foi usado pelo presidente e seus apoiadores para se referir ao conjunto de medicamentos que deveria, segundo eles, ser usado para tratar a Covid-19. No

entanto, como se demonstrou, nenhum dos fármacos que faziam parte do suposto “tratamento” tem sua eficácia comprovada para tal propósito.

Além disso, nos dois últimos *tweets* o termo “precoce” aparece. No primeiro em “fase precoce do coronavírus” e no segundo em “tratamento precoce”, sendo o último enfatizado com letras maiúsculas. O que não há, no entanto, é um acordo sobre a definição desse termo em ambos os casos. Segundo o dicionário Michaelis, “precoce” é aquilo “que ocorre ou se desenvolve antes do tempo natural” (MICHAELIS, 2022). Quando o órgão público responsável por políticas públicas no enfrentamento e combate à pandemia recomenda o uso de uma medicação na fase precoce do coronavírus e o acatamento de um “tratamento precoce” para a doença, o que se infere é o tratamento numa fase inicial da doença, quando esta já está instalada.

Acontece que o termo passa a sugerir uma outra definição quando o próprio Ministério da Saúde e o presidente da República em suas redes sociais confundem as terminologias e passam a se referir ao tal tratamento como “profilático” e “preventivo”. O termo “tratamento precoce” passa a produzir outro efeito de sentido, diferente de simplesmente a tentativa de cura de uma doença desde o seu início e, percebemos aqui, a ação do segundo esquecimento discursivo elencado por Pêcheux (1995, p. 173-176) que diz respeito à sua capacidade em optar por um enunciado em detrimento de outro, dentro das possibilidades parafrásticas e do seu âmbito de Formação Discursiva.

Pêcheux, afirma que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1997, p. 79). Ou seja, para além da recomendação do “tratamento precoce” para Covid-19 ou da utilização do fármaco cloroquina na “fase precoce” da doença, é preciso considerar os efeitos de sentido que o termo “tratamento precoce” em si produz, como discurso polêmico, cuja polissemia é controlada (ORLANDI, 1996, p. 29).

Nessa análise, percebe-se a seguinte questão: como rede social de fácil acesso e grande potencial influenciador de comportamentos inclusive fora dela, o Twitter é utilizado como símbolo de “democratização” do acesso à informação, mas os discursos do presidente e do Ministério da Saúde revelam símbolos de poder que mascaram uma ideologia cujos objetivos pautam-se no combate ao pensamento científico e sua ampla divulgação, como uma forma de defesa de ideais políticos centrados na questão econômica como aspecto mais prejudicado pela pandemia, em detrimento do que realmente se trata tal questão pública: a saúde de sua população.

Dessa maneira, o governo federal delegou a responsabilidade de cuidados em relação à doença a um conjunto de remédios sem eficácia comprovada que, posteriormente, viriam a ser contestados pelo próprio Ministério da Saúde em relatório à CPI da Covid¹², inquérito instaurado para apurar essas e outras irregularidades nas medidas governamentais - ou na falta delas.

CONCLUSÃO

É possível estabelecer, mediante às informações aqui apresentadas, uma relação entre o governo federal e a desinformação que caracterizou o momento histórico da pandemia no Brasil e no mundo. Percebe-se que, utilizando-se das redes sociais, em especial o Twitter, como estrutura informacional de manutenção do poder em detrimento das tradicionais mídias jornalísticas, o presidente efetiva o uso de Aparelhos Ideológicos do Estado de maneira a mascarar a sua ideologia dominante que move essas ações, visto que assume uma postura "anti-ideológica" que categoriza ideologia como ações do espectro político oposto ao seu, conferindo-lhe uma carga negativa tradicional de governos autoritários.

No quesito da infodemia - a pandemia informacional que acompanhou a sanitária e gerou um grande fluxo de fake news e dificuldade para distingui-las -, assimila-se a desinformação como um conceito que compreende uma intencionalidade na produção e circulação de notícias falsas como apontado no esquema relatado pela CPI da Covid instaurada em 2021, que aponta comando do presidente e seus aliados nesse processo. Dessa forma, seus discursos consistem na manipulação do que pode se considerar verdade ou não, configurando processos não lineares de divulgação de uma (des)informação por perfis oficiais do governo em redes sociais no qual cada termo escolhido ou omitido reflete a intencionalidade da ideologia que viria a tornar-se o movimento antivacina.

Nesse aspecto, destacam-se as falsas informações que dizem respeito à saúde e possuem potencial risco à vida, que é o caso do uso de medicamentos comprovadamente ineficazes ao tratamento para a nova doença. Coloca-se em questão a motivação - encoberta

¹² TecMundo. Ministério da Saúde admite ineficácia de 'kit covid' com cloroquina. 14 jul. 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/221102-ministerio-saude-admite-ineficacia-kit-covid-cloroquina.htm>. Acesso em: 25 nov. 2024.

ou não - de priorizar uma suposta manutenção da economia no estado de calamidade instaurado pelo vírus com a desobediência do que se propõe como medidas de segurança universais pelas organizações oficiais da biologia e da medicina, enquanto buscava-se, incongruente, o respaldo científico partidário que concedesse o que se busca socialmente na informação: a verdade (SANTAELLA, 2018).

Atribuindo a objetividade à ciência, ou tomada de posição materialista como propõe Pêcheux, foi possível identificar em pesquisas revisadas o impacto que gerou a propagação discursiva de um tratamento designadamente impróprio ao tratamento da Covid-19 já em estudos iniciais, mas que assumiu posição política exercida pelo incentivo ferrenho cultivado pelo representante do país, disposto a contrariar os ministros da saúde e substituí-los no cargo até encontrar alguma figura médica que corroborasse com seu projeto revelado nas análises do corpus de tweets apresentados: delegar a um kit de medicamentos, independentemente de adequados, a cura e a conseqüente minimização da doença para subtrair o alarde que ela gerou, esquivando-se das responsabilidades sociais do governo sob o pretexto de não parar a economia.

Referências

ALMEIDA, H. N. et. al. *Tweetocracia e o populismo 2.0 da direita: o caso do Brasil*. Biblioteca Digital da Justiça Eleitoral, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/9156>. Acesso em: 28 mai. 2022.

ANACLETO, H.C.A.; PRUDENCIO, K. Luta em 280 caracteres: o Twitter como arena de reconhecimento para os atletas paralímpicos. São Paulo: *Communicare* (Revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa) — Faculdade Cásper Líbero, v. 18, 1. ed., 2018. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/Artigo-10.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022.

BIERNATH, André. Tratamento precoce | 'Kit covid é kit ilusão': os dados que apontam riscos e falta de eficácia do suposto tratamento. *BBC News Brasil [Internet]*, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106>. Acesso em: 27 out. 2021.

CAPONI, Sandra et al. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. *Revista Brasileira de Sociologia-RBS*, v. 9, n. 21, p. 78-102, 2021. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/rbs.774>. Acesso em: 07 out. 2021.

D'ANCONA, Mathew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

FLOSS, Mayara et al. *Cronologia do "tratamento precoce" para COVID-19 no Brasil: desinformação e comunicação do Ministério da Saúde*. 2021. Disponível em: <https://mediarxiv.org/kgm65/>. Acesso em: 7 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LOHSE, Daiane Alicia. "*Tuas ideias não correspondem aos fatos*": a ideologia da anti-ideologia de Jair Bolsonaro no Twitter. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67484>. Acesso em: 28 mai. 2022.

MADACKI, Aniele C. A. Infodemia e desinformação sobre o “tratamento precoce da Covid-19” no Twitter e no Facebook de Bolsonaro. *Journal of Science Communication*, América Latina, v. 4, n. 2, p. A02, 2021. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/pt-br/04/02/JCOMAL_0402_2021_A02. Acesso em: 14 mai. 2022.

MELO, José Romério Rabelo et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, p. 1-5, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2021.v37n4/e00053221/pt/>. Acesso em: 27 out. 2021.

MELO, Lafayette B. Fake News sobre a Covid-19: como o Discurso Digital em Agências de Fact-Checking Combate à Infodemia. In: *Anais do XII Workshop sobre Aspectos da Interação Humano-Computador para a Web Social*. SBC, 2021. p. 41-48. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/waihews/article/view/17543>. Acesso em: 26 out. 2021.

MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=precoce>. Acesso em: 08 jun. 2022.

MONTEIRO, Patrícia; DEODATO, Paulo Gerson Olinto; RODRIGUES, Suzy Anne Batista. Desinformação em tempos de Covid-19: uma análise de fake news sobre a cloroquina. In: SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia. *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p. 81-112.

OLIVEIRA, Frederico. A facticidade das fake news sobre o kit gay e da Covid-19. In: *ABCIBER XIII-SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER 2020*. 2021. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber13/rt/metadata/1442/645>. Acesso em: 28 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Orientação técnica e nacional - Doença do coronavírus (COVID-19). 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance>. Acesso em: 25 nov. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, p. 61-161. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2015. 182 p.

RECUERO, R.; SOARES, F. B.; ZAGO, G. Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: Como circula a Desinformação sobre Covid-19 no Twitter. *Contracampo*, v. 40, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/contracampo/article/view/45611>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SANTAELLA, Lucia. *A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 26 mai. 2022.